

CIVILIZAÇÃO VERSUS INDIGENISMO

Gilberto E. CHAUDON

Com as comemorações dos quinhentos anos do descobrimento do Brasil ressurgiu o velho e polêmico tema da discussão sobre as conseqüências que representou para as populações nativas a chegada dos portugueses que pela primeira vez punham os pés neste país. Sem qualquer contestação possível, de imediato chegamos à conclusão que a chegada dos nossos descobridores representou, para os indígenas que ocupavam este vastíssimo território, um impacto que muito cedo provou ser-lhes nefasto. Os intrusos não eram santos, apenas homens tidos por civilizados, que aqui aportaram como meros conquistadores, que tinham ambições de glória e, mais que tudo, de enriquecimento.

Nosso primeiro cronista, talvez um dos poucos que ainda tinham uma visão mais romântica sob e o desfecho da navegação que acabava de chegar a bom termo, assim se expressou no final de sua célebre carta dirigida ao rei Dom Manuel: "... Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por causa das águas que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar essa gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (...) Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber acrescentamento da nossa santa fé".

Cinco séculos decorridos, seria o momento para uma profunda meditação sobre o nosso comportamento e os resultados do nosso povoamento, colonização e evangelização do imenso Brasil. Foi longo o período de povoamento e colonização de nossa terra, todo ele pontilhado de lutas, esperanças, acertos e confrontos que marcara a nossa História com acontecimentos significativos. Muitos deles heróicos, outros não tanto...

Muito cedo uma dura realidade foi pondo uma pedra de cal sobre os nobres propósitos de “salvar essa gente” manifestados na carta de Caminha. Os jesuítas, enfrentando todos os sacrifícios, entregavam-se bem ou mal à sua missão de catequese e evangelização dos indígenas. Mas, o que podiam eles contra as cruéis expedições que os colonizadores sedentos de resultados pecuniários em seus incipientes empreendimentos da indústria canavieira e outros organizavam para prear a ferro e fogo os índios que ocupavam “seus” territórios, agora na posse dos “intrusos”?

Promovendo êxodos imensos de tribos apossadas pelos colonos armados em “bandeiras”, os índios foram aos poucos sendo empurrados para fora do seu “habitat”, dispersando-se dolorosamente de um para o outro lado, rompidos todos os laços de suas tribos de origem. E a morte ia ceifando centenas e milhares desses infelizes donos de terra que era cerca de seis milhões de seres humanos, para só restarem deles nos dias de hoje cerca de trezentos mil, segundo declaração do atual presidente da Funai em entrevista concedida à imprensa!

Modernamente, o Brasil - por inspiração do benemérito Rondon, ele mesmo um descendente de índios - tem adotado uma política de proteção aos índios, através de preceitos constitucionais, dispondo de um órgão oficial para tutelar seus interesses como cidadãos. Mas apesar de tudo o que essas boas intenções possam indicar, os índios em nosso país continuam segregados a alguns bolsões chamados de “reservas indígenas”, sujeitas a um estatuto controlado pela Funai. Mas os “indivíduos” índios, esses continuam considerados criaturas estranhas ao nosso “meio civilizado”. Isso é uma realidade que não há como negar. Evangelizados? Sim, eles o têm sido em maior ou menor número, com muitas conversões ao cristianismo mais de aparência do que sinceramente conscientes. Através dos séculos, os índios brasileiros foram escravizados de alguma maneira, recebendo bons tratos ou castigos desumanos; milhares de índias - Iracemas, Moemas ou Jupiras - foram estupradas nesse imenso Brasil, por indivíduos que professavam a religião do Amor e da Caridade. Como conciliar essas duas realidades?

Ao iniciar estas nossas reflexões, estávamos convictos da inexorabilidade da absorção do elemento indígena que habitava o Brasil, pelos novos ocupantes da terra. Uma inexorabilidade decorrente do próprio confronto - civilização versus “barbárie” - mas que analisado em

seus vários componentes, nos deixa pesarosos pelos sofrimentos que causou a tantos milhares de seres que apenas tinham contra si a desvantagem de não haverem atingido um grau de civilização mais avançado do que o da Idade da Pedra!

Hoje só nos resta flagelar-nos com o "mea culpa", e praticar para com os índios que ainda restam neste país, uma política de verdadeiro resgate das crueldades cometidas pelos nossos antecessores.

Não esqueçamos de tratar cada um dos nossos índios como um semelhante, dando-lhes todas as possibilidades para absorver as benesses da civilização que desfrutamos, respeitando seus direitos, tanto os materiais como os espirituais, abrindo-lhes todas as portas do nosso progresso para que possam ascender ao lugar que qualquer um deles possa pretender. Ao surgir qualquer querela entre eles e nós, lembremo-nos que nós somos os civilizados e eles as criaturas que ainda prezam acima de tudo sua perdida identidade. Sejamos Cristãos. Realmente, os índios brasileiros não têm muitas razões para festejar os 500 anos do nosso Descobrimento, que marcou, para eles, o início de sua Via-Crucis.

A origem do confronto entre os índios pataxós, da Bahia, e os brasileiros incumbidos de programar as festividades de 22 de abril em Baía Cabralia, nasceu de uma impensada e precipitada ordem da polícia baiana, ao mandar desmanchar um monumento que os índios pretendiam erguer no local, próximo ao local onde existe uma grande cruz assinalando a chegada dos portugueses na frota comandada por Pedro Álvares Cabral. Esse ato impensado, de puro cunho policialesco, exacerbou os ânimos dos indígenas já descontentes com uma série de reivindicações não cumpridas pelas autoridades brasileiras.

Segundo o noticiário da imprensa, cerca de mil índios, representando 20 tribos, teriam desembarcado dois dias antes em Brasília, quando se dirigiam ao sul da Bahia para as manifestações paralelas ao Descobrimento do Brasil. Na Capital Federal fizeram os índios uma grande manifestação de protesto, indo ao Congresso Nacional e ao Palácio do Planalto para falar com o Presidente. Com essa atitude criaram para as autoridades uma situação constrangedora, tendo havido momentos de tensão e notório mal-estar de parte a parte.

De há muito vemos com certa preocupação aumentar os pontos de atrito nas relações entre os índios e as autoridades brasileiras

que detêm a tutela dos remanescentes da imensa população nativa que ocupava o Brasil à época do seu descobrimento e conseqüente ocupação pelos colonos portugueses.

A História registrou as verdadeiras guerras em que os indígenas foram as vítimas, até que seu imenso contingente humano fosse reduzido aos poucos 300 mil que ainda restaram após quase quatro séculos de cruéis e renhidas lutas e capturas. Olhado por esse prisma o nosso descobrimento realmente só terá deixado nas mentes primárias dos silvícolas uma lembrança de sofrimentos e de injustos tratos. Não deve haver para eles motivação para festejar a chegada dos portugueses a terra de Pindorama.

Mas analisado por outro prisma, não podemos deixar de reconhecer que o destino dos indígenas, em qualquer parte do mundo, tem sido o mesmo. O choque entre culturas primitivas, algumas quase pré-históricas, e a Civilização a que o homem atingiu depois de uma longa caminhada pelas várias etapas de seu desenvolvimento mental e material, acabaria na lenta e inexorável extinção dos indígenas de qualquer etnia ou procedência, num mundo quase totalmente conquistado pela "civilização".

Poderá essa marcha ascensional e constante da Civilização ser detida por uma porcentagem ínfima de seres vivendo à sua margem, infensos a qualquer esforço de ascensão na escala evolutiva do ser humano? Creio que não há quem possa responder afirmativamente a essa indagação.

O problema se apresenta, pois, nos dias de hoje, na lenta e contínua absorção do elemento indígena, pela educação, empreendida com inteligência em sentido de verdadeira cruzada missionária leiga - a Cruzada da incorporação dos remanescentes indígenas à Civilização, obra a ser executada pacificamente e sem compulsão ou violência de qualquer natureza. O dever de cristãos nos impele para essa tarefa de alto mérito e de resultados seguros, seguindo a política pregada por Rondon, o General brasileiro filho de índia, e que tanto tentou fazer para trazer seus irmãos de sangue ao convívio da civilização. Façamos do século XXI que se inicia brevemente, o século da integração cultural dos remanescentes dos índios do Brasil. E o século XXI poderá se orgulhar dessa tarefa meritória.

Por enquanto esperemos que os ânimos exaltados demonstrados pelos índios que foram a Brasília há poucos dias se arrefeçam, e que compartilhem a seu modo das comemorações do nosso

Descobrimto, embora sem louv-lo (o que  perfeitamente compreensível), mas respeitando as nossas cerimnias de festividades programadas oficialmente.

Como tutelados da nao, nos termos da Constituio, os índios têm direitos assegurados em vários de seus artigos, tais como saúde, educao, propriedades de terras tradicionalmente ocupadas por seus antepassados, demarcao e respeito ao seu uso. Dar maior amplitude a todos esse direitos que já lhes são garantidos, parece-nos criar situaoes de confronto que poderão gerar maiores problemas para o futuro. Seria propiciar a formao de uma nao dentro da Nao já existente. O caminho acertado me parece ser o da natural absoro cultural e social dos elementos indígenas pela educao, até o dia em que todos os indígenas brasileiros estejam assimilados  nossa civilizao. Até lá, que as autoridades brasileiras cumpram e façam respeitar os direitos já assegurados aos índios pela nossa Constituio.